NOVEMBRO 2026

210ª EDIÇÃO

GAZETA DO POVO

REVISTA



Imagem criada com Canva IA

# O FANTASMA QUE ABASTECE O BRASIL

**Navio russo prometido a Trump ancora na Amazônia e revela esquema bilionário de diesel**

Editorial: Banco do Brasil sofre a consequência do risco moral fomentado por Lula

Paulo Briguet: Mãe e filha enfrentam o ódio esquerdista em universidade

# Índice


Editorial: Banco do Brasil sofre a consequência do risco moral fomentado por Lula **04**

Paulo Briguet: Mãe e filha enfrentam o ódio esquerdista em universidade **11**

José Fucs: EUA: a deslealdade de JD Vance, o toco de Trump e as eleições de 2028 **26**

Navio fantasma russo prometido a Trump ancora no Brasil e revela esquema bilionário de diesel **42**

Marinho mobiliza senadoras e busca novos apoios para conter dissidência pró-Tereza Cristina **70**

Países com QI mais alto têm menos corrupção? **78**

Suzane von Richthofen: como o “true crime” transforma um assassinato em espetáculo **89**


**USUÁRIO DE ANDROID**: PARA NAVEGAR UTILIZANDO OS LINKS DE PÁGINA VOCÊ PRECISA DO APP ACROBAT READER

GAZETA DO POVO



CONHEÇA O

SABER

Temas fundamentais não podem passar despercebidos. Acesse a homepage da Gazeta do Povo com conteúdos aprofundados e para reflexão

ACESSE AGORA!



*Tarciana Medeiros, presidente do Banco do Brasil, falou em "risco moral" ao comentar a inadimplência do agronegócio. (Foto: ChatGPT sobre foto de Marcelo Camargo/Agência Brasil)*

EDITORIAL

# Banco do Brasil sofre a consequência do risco moral fomentado por Lula

O balanço do terceiro trimestre do Banco do Brasil decepcionou até mesmo quem já não alimentava grandes expectativas sobre o

desempenho do banco estatal. As ações do BB já tinham levado um tombo no dia seguinte à reeleição de Lula, caindo de R$ 24,72 para R$ 17,47, queda de quase 30%, e permaneceram nesse patamar até a divulgação, no dia 11 de novembro, do lucro líquido de R$ 1,3 bilhão, 66% menor que o do mesmo período de 2025. Na sequência, nova queda de 8,35% no pregão do dia 12; desde então, as ações seguem na casa dos R$ 15.

Como nos governos petistas a culpa sempre é dos outros, a presidente do banco, Tarciana Medeiros, e os vice-presidentes de Agronegócios e Agricultura Familiar, Gilson Alceu Bittencourt, e de Gestão Financeira e de Relações com Investidores, Geovani Tobias, apontaram o dedo para os grandes produtores do agronegócio, que estariam optando voluntariamente pela inadimplência. “Após duas excelentes

oportunidades de renegociação, com recursos subsidiados e prazos de até 10 anos que foram disponibilizados por meio das MPs 1314 e 1376, e com colheitas recordes em 2025 e 2026, mesmo assim, parte dos grandes e médios produtores optaram por não pagar e nem renegociar, e se recusaram a apresentar garantias", afirmou Tarciana, que está no cargo desde o início de Lula 3 e foi apadrinhada pela primeira-dama Janja.

> ***Se algum produtor rural deixou de pagar seus empréstimos porque não quis, certamente o fez ao ver os inúmeros Desenrolas e o perdão das dívidas tributárias dos MEIs, anunciados por Lula nos últimos meses***

Representantes do agronegócio rebateram a fala dos executivos, mas, independentemente de a atual inadimplência ser intencional ou não, ao menos uma verdade é preciso reconhecer na fala de Tarciana, que admitiu indiretamente o efeito causado pelas medidas eleitoreiras de Lula em seu esforço pela reeleição. “O compasso de espera à frente das notícias sobre eventuais soluções milagrosas que nós monitorávamos desde o começo do ano se intensificou nos últimos três meses (...) Não contávamos com a persistência e a intencionalidade do risco moral”, disse a presidente do BB. Não há registro de nenhum outro membro do primeiro escalão do governo que tenha admitido desta forma as consequências dessas “soluções milagrosas”, mesmo sem reconhecer que o causador do problema é o próprio governo de que ela faz parte.

Uma das definições de “risco moral” é a perda de incentivo para que pessoas ou empresas se portem de forma prudente ou mesmo legalmente correta, causada pela convicção de que mais cedo ou mais tarde elas serão socorridas por uma rede de proteção (frequentemente, o governo) se estiverem em dificuldades. Se algum produtor rural deixou de pagar seus empréstimos porque não quis, e não porque estava em apuro financeiro, certamente o fez ao ver os inúmeros Desenrolas e o perdão das dívidas tributárias dos MEIs, anunciados por Lula nos últimos meses – o período ao qual Tarciana se referiu em suas falas. Tais programas camaradas de anistia ou renegociação não são invenção do petismo – os Refis nasceram no segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso –, mas foram turbinados por ele.

Cada nova rodada, seja do Refis, seja de outros programas de renegociação, seja de ajuda a estados e municípios endividados, aumenta a certeza de que mais à frente ainda virá uma outra, cujas condições serão mais camaradas que as atuais, e por isso, na ponta do lápis, a inadimplência (ou a suspensão de pagamentos renegociados) acaba compensando. E, a cada nova medida desse tipo, que insulta o brasileiro empenhado em honrar suas obrigações, especialistas e a opinião pública sempre reforçam o alerta sobre o risco moral. Pois a conta chegou para o Banco do Brasil, que ainda por cima viu a inadimplência entre pessoas físicas superar a média observada em outros bancos, o que pode indicar uma política mais frouxa de concessão de crédito – bem em linha com a estratégia lulista de fomentar crescimento pela via do consumo.

Os problemas do Banco do Brasil e de outras estatais, o crescimento da inadimplência, e os recordes históricos nos pedidos de recuperação judicial apontam para problemas graves na economia real – independentemente de qualquer meta fiscal que venha a ser cumprida no papel em 2026. E os juros altos que dificultam a vida de pessoas e empresas nada mais são que consequência da política fiscal expansionista e irresponsável do petismo, cuja gastança o Banco Central precisa contrabalançar com uma política monetária contracionista para que a inflação não dispare. Mas que ninguém espere o *mea culpa* de Lula ou de alguém da equipe econômica; a admissão de Tarciana sobre o "risco moral" já foi um ponto suficientemente fora da curva.



Voltar ao índice

GAZETA DO POVO



*Monica Mallet e Beatriz Mallet: A ousadia de pensar por conta própria em um curso dominado pela patrulha ideológica desencadeou uma campanha de hostilidade e perseguição. (Foto: Monica Mallet/Acervo pessoal)*

**OPINIÃO**

## Paulo Briguet

# Mãe e filha enfrentam o ódio esquerdista em universidade

Ao longo das últimas décadas, o PT realizou o seu projeto de dividir a sociedade brasileira em

grupos antagônicos e irreconciliáveis que se condenam mutuamente. Não foi algo que aconteceu do dia para a noite: até alguns anos atrás, pessoas com diferentes visões políticas conseguiam manter relações de amizade e um bom nível de convivência. Depois que o PT chegou ao poder, em 2002, essa tolerância mútua se deteriorou progressivamente, até chegarmos à situação atual.

> ***A ousadia de pensar por conta própria num curso dominado pela patrulha ideológica desencadeou uma campanha de hostilidade***

A empresária Monica Mallet e sua filha, a estudante de Pedagogia Beatriz Mallet, de 20 anos, sentiram na pele os efeitos dessa

intolerância dentro de uma universidade de São José dos Campos (SP). Tudo começou no primeiro turno das eleições, quando Beatriz foi à aula usando um moletom com os dizeres *Antipetista Social Club* e publicou no TikTok um vídeo criticando o patrono da educação brasileira, Paulo Freire. A ousadia de pensar por conta própria num curso dominado pela patrulha ideológica desencadeou uma campanha de hostilidade, perseguição e pichações difamatórias nos banheiros do campus.

Mães de nome Monica têm tradição de firmeza na história — e, ao contrário da célebre mãe de Santo Agostinho, esta não precisou chorar pela conversão da filha, pois a jovem já sabia exatamente o que defendia. Ao saber que Beatriz fora cercada e ameaçada na porta da faculdade, Monica abriu seu perfil fechado nas redes sociais,

registrou boletim de ocorrência, acionou o Ministério Público e gravou um desabafo contundente ao lado da filha. O vídeo viralizou, alcançou milhões de visualizações e transformou a empresária paulista na “Ministra do Limite” para milhares de pais brasileiros. Na entrevista a seguir, Monica relata os bastidores dessa batalha contra a intolerância ideológica e o autoritarismo acadêmico.

**Paulo Briguet: Monica, primeiro eu queria que você se apresentasse. Você mora em São José dos Campos e trabalha com gastronomia, certo?**

**Monica Mallet:** Isso. Eu morava em São Sebastião, no litoral norte, e estou aqui em São José dos Campos há cinco anos. Sou empresária — temos uma empresa de construção civil em

São Sebastião —, mas a minha formação é em gastronomia pela Le Cordon Bleu. Quando cheguei naquele ponto da vida em que pude dizer "agora vou seguir o que eu gosto", fui atrás da minha paixão. Tive restaurante em São Sebastião e aqui dou aulas, faço workshops e já até fiz programa de gastronomia numa rádio AM.

**Paulo Briguet: A Beatriz é sua filha única?**

**Monica Mallet:** Não, tenho três filhos. A Beatriz é a caçula. O do meio, o Maurício, faz Direito aqui em São José. E o mais velho, o Henrique, mora em São Paulo e trabalha com esse negócio de *gamers*, uma área que eu confesso que não entendo muito bem.

**Paulo Briguet: Os seus dois filhos mais velhos já tiveram algum tipo de problema ideológico na faculdade?**

**Monica Mallet:** Nunca tiveram. O Maurício trabalhou com política em São Sebastião, mas cidade pequena tem outra dinâmica: todo mundo se conhece, você vai ver a pessoa no banco ou no restaurante no dia seguinte. Não tem essa coisa de chamar de extrema-direita ou extrema-esquerda. Na faculdade dele, ele relata que o pessoal chama de "fascista" se alguém vai com uma camiseta de direita, mas nunca passou disso.

**Paulo Briguet: Todos na sua casa são de direita?**

**Monica Mallet:** Não tem ninguém de esquerda em casa, nem meus pais. Minha mãe tem horror.

Quando o Lula venceu pela primeira vez, ela dizia: "Vocês não sabem o que estão fazendo, é uma nuvem de gafanhotos que vai dizimar o país". Eu achava que ela estava sendo radical. Hoje sou obrigada a concordar que ela tinha toda a razão.

**Paulo Briguet: O que aconteceu com a Beatriz na faculdade de Pedagogia?**

**Monica Mallet:** Eu sempre fui muito neutra em rede social, até por conta da gastronomia, que hoje é um nicho muito tomado pela esquerda. Mas no dia 1º de outubro, antes do primeiro turno, a Beatriz comprou um moletom escrito *Antipetista Social Club*. Eu perguntei: "Filha, você tem certeza de que vai com isso?" Ela respondeu: "Ah, mãe, o pessoal vai com camiseta do Che Guevara, qual o problema?" Quando ela chegou lá,

ficaram olhando, apontando, passando rindo. Ela se sentiu mal e decidiu gravar um vídeo no TikTok criticando o Paulo Freire — dizendo que estuda Pedagogia, não gosta dele e é contra essa tentativa de colocar ideologia dentro da escola.

**Paulo Briguet: E a reação dentro da universidade foi imediata?**

**Monica Mallet:** Eles juntaram o moletom com o vídeo sobre Paulo Freire — porque onde já se viu uma aluna de Pedagogia ter a audácia de dizer que o homem canonizado pela esquerda não presta? Na sexta-feira seguinte, eu pedi para ela não ir à aula. No sábado, um amigo contou que um grupo havia preparado uma repressão social contra ela: estavam esperando a Beatriz com bandeira vermelha e camiseta do Che Guevara.

Como ela não foi, o movimento cresceu na semana seguinte. Juntavam turmas nos corredores quando ela passava, apontavam, cochichavam e começaram a pichar “fascista” no banheiro.

**Paulo Briguet: Chegou a haver confronto direto?**

**Monica Mallet:** Sim. Um dia ela entrou no banheiro para fotografar as pichações e uma aluna de História entrou atrás, acusando a Beatriz de estar pichando. Discutiram feio. Nesse mesmo dia, essa menina juntou uma turma, seguiu a Beatriz até um bar em frente à faculdade e ficou do outro lado da rua filmando e apontando. Aí minha filha me ligou: “Mãe, dessa vez eu fiquei com medo”. Perguntei se ela queria que eu fosse até lá, mas ela disse: “Não vai, não; no máximo o

que pode acontecer é eu apanhar de uns três ou quatro, mas aí eu aproveito e filmo". Quando ouvi aquilo, vi o tamanho do problema.

**Paulo Briguet: E você foi à faculdade na mesma noite. Como foi recebida?**

**Monica Mallet:** Fui lá e conversei com o coordenador de História e a coordenadora de Pedagogia. Os dois foram muito coerentes e disseram que não iam admitir aquilo, até porque o reitor já havia passado uma circular proibindo hostilidades políticas no campus. O coordenador de História chamou a aluna que liderava aquilo e foi muito incisivo: lembrou que ela era bolsista, que poderia perder a bolsa por incitar a violência e perguntou que tipo de professores de História eles seriam agindo daquela forma. A

coordenadora de Pedagogia até se ofereceu para acompanhar a Beatriz até o carro para ela não andar sozinha.

**Paulo Briguet: Mas a perseguição não parou depois da conversa com os coordenadores, certo?**

**Monica Mallet:** Piorou. Na segunda-feira após o segundo turno, a Beatriz recebeu a foto de uma nova pichação no banheiro, agora nominal: "Beatriz Mallet é fascista, racista, homofóbica, putinha; que tipo de professora ela vai ser?" Além disso, aquela aluna espalhou que o curso de História ia acabar por causa da Beatriz e que eles queriam acabar com ela como ser humano. Fui à faculdade durante o dia, esperei terminar um evento e procurei o reitor. Mostrei as fotos e

relatei tudo. Ele olhou para mim e perguntou: "Sua filha é maior de idade?" Eu respondi: “Sim, senhor, mas sou mãe e estou preocupada”. E ele me mandou marcar um horário na reitoria para formalizar o caso.

**Paulo Briguet: Você não vê um incêndio e manda marcar reunião para apagar...**

**Monica Mallet:** Exato! Como não havia ninguém na reitoria para agendar naquela hora, fui direto fazer um boletim de ocorrência, abri denúncia no Ministério Público e notifiquei a faculdade extrajudicialmente. Voltei a falar com os coordenadores, e o de História me apoiou: disse para eu ir em frente, porque, se os alunos não quiseram parar, agora teriam de arcar com as consequências. Depois que o caso ganhou

repercussão na internet, a diretora-geral chamou a Beatriz e os alunos de História para conversar, dizendo que estava arrasada e que iam apurar tudo. Mas eu disse à minha filha: “Isso só está acontecendo porque o caso apareceu para o Brasil inteiro”.

**Paulo Briguet: E o vídeo que você gravou ao lado da Beatriz acabou furando a bolha. Como você avalia essa repercussão?**

**Monica Mallet:** Foi inimaginável. O vídeo já passa de milhões de visualizações. Claro que vieram *haters* — antes disso, numa postagem em que eu mesma estava colando um plástico na parede durante uma reforma em casa, chegaram a usar “autista” como xingamento contra mim, o que é de uma hipocrisia tremenda de quem vive

levantando bandeira de inclusão. Mas o apoio foi infinitamente maior. Muita gente me chamou de “Ministra do Limite” e disse que eu representava a mãe que eles gostariam de ter tido. Acredito que o peso da figura materna, falando de limites e de responsabilidade dentro de casa, intimidou quem estava atrás de um teclado. Hoje o clima na faculdade já está bem mais normal.

**Paulo Briguet: Você pretende levar o caso adiante mesmo com a melhora do clima no campus?**

**Monica Mallet:** Com certeza. Me chocou muito lembrar daquele caso de Brasília, do menino de 14 anos que sofria *bullying* numa escola católica, cuja mãe avisou várias vezes, mas a escola só aplicava “medidas pedagógicas” e o menino acabou tirando a própria vida. A mãe disse uma frase que me corta

o coração: “Ensinei meu filho a ser gentil, mas não ensinei a se defender”. Não quero que isso aconteça com a minha filha ou com o filho de ninguém. É preciso haver consequência real, plano de contingência nas escolas e universidades. Sem querer, ganhei uma voz que eu não sabia que tinha — e quero usá-la para ajudar a acolher jovens e coibir esse tipo de perseguição.



**Autor**: Paulo Briguet é escritor, jornalista, palestrante e professor de literatura. Trabalhou em diversos jornais, revistas e assessorias de comunicação no Paraná. Foi colunista da Folha de Londrina e editor-chefe do jornal Brasil Sem Medo. Publicou diversos livros, dentre eles: “Nossa Senhora dos Ateus”, "Coração de mãe", “O Mínimo sobre Distopias” e “Diário de Moby Dick”. Já escreveu mais de 2 mil crônicas. **Os textos do colunista não expressam, necessariamente, a opinião da Gazeta do Povo.

Voltar ao índice

GAZETA DO POVO



*O vice-presidente americano, J.D. Vance, atribuiu a derrota do Partido Republicano nas midterms à guerra com o Irã. (Foto: EFE/EPA/JIM LO SCALZO)*

OPINIÃO

José Fucs

# EUA: a deslealdade de JD Vance, o toco de Trump e as eleições de 2028

A publicação feita no X pelo vice-presidente dos Estados Unidos, JD Vance, no dia seguinte às eleições que garantiram aos democratas a reconquista da maioria no Congresso, expôs de forma explícita, para quem ainda tinha alguma dúvida sobre isso, as divergências existentes entre ele e o presidente Donald Trump numa questão crucial para a política externa americana: a guerra contra o Irã.

Embora sem criticar Trump diretamente no post, Vance atribuiu a derrota dos republicanos principalmente ao conflito com a República Islâmica, que foi uma decisão pessoal do presidente dos EUA, contra a promessa feita na campanha eleitoral, de não se envolver em novas guerras pelo mundo afora.

Reforçando a postura anti-Israel e pró-islâmica que vem adotando já há algum tempo, Vance também relacionou o revés à relação privilegiada mantida pelo país com o Estado judeu, especialmente no governo Trump.

“A razão pela qual nós perdemos (as eleições) é óbvia para quase todo mundo. A razão da derrota é a guerra”, disse o vice-presidente americano ao comentar o resultado do pleito, buscando navegar em raia própria na questão, com vistas à sua possível indicação como candidato do partido na disputa presidencial de 2028.

“Se você quiser argumentar que valeu a pena, que compensou perder o Senado pelos próximos seis anos, então faça isso. Diga que foi um custo que valeu a pena pagar. Concordando ou discordando,

ao menos é honesto. Mas todo mundo sabe por que nós perdemos", acrescentou, em linha com as posições isolacionistas e antissionistas defendidas pela chamada "direita woke" da legenda, ironizada em inglês por seus opositores como "*woke reich*", em vez de "*woke right*".

Visto por muitos analistas conservadores como um gesto de deslealdade ao presidente e como uma forma oportunista de reafirmar seu afastamento da Casa Branca e do MAGA (o movimento criado por Trump que reúne seus apoiadores), o disparo de Vance, porém, acabou saindo pela culatra.

Em sua primeira entrevista após as eleições, Trump disse concordar com Vance sobre o impacto negativo da guerra do Irã nas eleições,

mas declarou que mesmo assim foi a decisão certa a tomar. “Se eu tivesse que fazer de novo, faria de novo”, disse o presidente dos EUA. “Minha resposta é sim, porque não se pode deixar o Irã ter uma arma nuclear. Acho que, historicamente, esta será uma decisão muito boa. Isso vai ficar como uma das melhores coisas que nós fizemos, porque, se algum dia eles tivessem uma arma nuclear, iriam explodir o mundo. Sabe por quê? Porque são loucos.”

**Artífice do acordo**

Em seguida, Trump deu um toco fenomenal em Vance, que foi o artífice do famigerado Memorando de Entendimento firmado com o regime dos aiatolás e do IRGC (Corpo de Guardas da Revolução Islâmica, na sigla em inglês). O acordo buscava acabar com as hostilidades e abrir

caminho para a suspensão do programa nuclear iraniano, mas foi desrespeitado por Teerã desde o princípio e se revelou um fracasso retumbante.

Apesar de Trump ter assinado o documento junto com Vance, o MOU (*Memorandum of Understanding*, em inglês) foi essencialmente uma criação de seu vice, que pretendia liderar uma nova rodada de negociações com o regime dos aiatolás, e deve ser colocado na sua conta. Como um presidente não pode demitir seu vice, eleito na mesma chapa com mandato próprio, a retirada de Vance de qualquer tratativa envolvendo o Irã funcionou como uma rejeição clara à via diplomática defendida e conduzida por ele.

“Pedi ao vice-presidente Vance que concentre toda a sua atenção na corrupção e na

criminalidade em larga escala que ocorrem nas cidades e nos estados governados pelos democratas nos Estados Unidos", disse Trump, por meio de uma publicação na sua rede, a Truth Social. "Nosso orçamento poderia ser rapidamente equilibrado com a correção dessa atividade criminosa em grande escala. A corrupção está no sangue da liderança democrata! Nós não precisamos de um acordo com o Irã. Esses dias já passaram faz tempo. Nós estamos com o dinheiro deles e estamos com o Estreito deles."

Fiel integrante da tropa de choque de Trump, o secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, engrossou os argumentos do chefe em defesa da guerra no Irã, em discurso realizado no encerramento de um evento da CPAC (Conferência de Ação Política Conservadora) em

Mar-a-Lago, o resort do presidente localizado em Palm Beach, na Flórida, apenas dois dias depois do post de Vance.

“Teria sido muito fácil ignorar a questão do Irã como muitos presidentes antes dele fizeram, deixá-la para o próximo cara. Mas ele foi eleito para fazer as coisas difíceis. Não podemos viver num mundo em que o regime terrorista mais radical do planeta possua uma arma de destruição em massa”, afirmou Rubio, também cotado para ser o candidato republicano em 2028, embora tenha reafirmado seu desejo de permanecer no governo até o fim.

“Eles mataram dezenas de milhares do seu próprio povo, massacraram-nos nas ruas. E, quando você está ferido, eles entram nos

hospitais e o matam no leito hospitalar – e, muitas vezes, matam também os médicos e enfermeiros que lhe atenderam. É isso que eles fazem com o seu próprio povo. Imagine o que fariam com a gente se tivessem uma arma nuclear."

**Legado de Trump**

Ao contrário do que Vance afirmou em sua publicação, muitos analistas disseram que a derrota nas eleições não se deveu tanto à guerra em si, mas à decisão de interromper o conflito quando os EUA estavam prontos para defenestrar de vez o regime iraniano e tentar resolvê-lo pela via diplomática sob seu comando, dando tempo para Teerã se reorganizar e sobreviver ao cerco americano.

“Se Vance quer encontrar um culpado pela surra eleitoral levada pelos republicanos, ele deve dar uma boa olhada no espelho, porque não foi a guerra do Irã que derrotou os republicanos. Foi o fracasso em vencê-la devido ao cessar-fogo e ao desastroso Memorando de Entendimento firmado com o Irã que foi negociado por ele”, afirmou Marc A. Thiessen, que foi o principal responsável por escrever os discursos do ex-presidente George W. Bush e antes ocupou a mesma posição durante a gestão de Donald Rumsfeld no Departamento de Defesa, em artigo publicado em sua coluna no *The Washington Post*, com o título “O impressionante ato de deslealdade de JD Vance”.

“As eleições de meio de mandato não vão definir o legado de Trump. O Irã vai”, acrescentou Thiessen em novo artigo publicado pelo jornal

uma semana depois. “(O ex-presidente Ronald) Reagan perdeu a maioria no Senado, mas ganhou a Guerra Fria. Ele é lembrado por suas conquistas na política externa como o homem que derrubou o Muro de Berlim e deixou a União Soviética como um monte de cinzas na história.”

O rabino Pessach Wolickifez coro a Thiessen em artigo publicado no jornal *Jerusalem Post* .“Aqueles que argumentam que Israel levou Trump a essa guerra podem falar isso. Esse argumento ignora que Trump tem se focado mais na ameaça iraniana que qualquer figura da vida pública americana desde os anos 1980”, disse.

“A guerra se tornou um problema porque Trump escolheu o caminho da diplomacia advogado pelo Paquistão, pelo Catar e pelo próprio Vance, contra

a vontade de Israel. Sete meses de conversas com Teerã não produziram nenhum acordo que se sustente, não desmantelaram o programa nuclear, não puseram fim ao terrorismo de seus aliados na região e não trouxeram liberdade para o povo iraniano. O que eles produziram foi exatamente o resultado que o Irã vem buscando desde 8 de abril (quando começou o cessar-fogo).”

**Implosão do frentão**

A publicação de JD Vance e suas posições em relação à guerra no Irã geraram questionamentos que vão muito além do conflito em si e podem ter um efeito adverso em sua ambição de se tornar o candidato republicano no pleito presidencial de 2028.

Por sua proximidade com a direita woke que vem implodindo a legenda e o frentão que permitiu a eleição de Trump em 2024 – cuja linha de frente inclui antigos apoiadores do presidente, como os jornalistas Tucker Carlson, Megyn Kelly e Candace Owens, e o comentarista e influenciador Nick Fuentes – a possível candidatura à presidência de Vance pode enfrentar uma resistência crescente num contingente considerável dos republicanos.

Com suas posições isolacionistas, sua postura anti-Israel que roça o antissemitismo, a ligação com países como o Catar, o Paquistão e a Turquia e suas posições em defesa do intervencionismo estatal e do nacionalismo econômico, o grupo cortejado por Vance parece disposto a se apresentar como uma alternativa ao trumpismo e também à ala mais tradicional dos republicanos,

que perdeu espaço na última década com a ascensão de Trump.

Resta saber se esse projeto – que abandonou bandeiras do trumpismo e defende propostas e alianças semelhantes em muitos aspectos às defendidas e promovidas pelos democratas – tem força partidária para confirmar a indicação de Vance em 2028 e se tem fôlego eleitoral fora das bolhas digitais que o alimentam.

Ao se afastar da Casa Branca e se aliar à direita woke e à ala mais radical dos republicanos, Vance apostou que o pós-trumpismo já havia começado na noite das eleições. O toco público de Trump e a reação imediata de caciques do partido mostraram, no entanto, que o presidente ainda exerce grande influência na legenda e que a

fatura pelas divergências com Trump pode lhe custar a vaga que ele tanto almeja em 2028.

É como afirmou o jornalista Matthew Schmitz, fundador e editor da revista *Compact*, em artigo publicado no *The New York Times* com o título "JD Vance provavelmente está acabado". "Vance fez sua trajetória do cinturão manufatureiro à faculdade de direito em Yale, de dizer que Trump poderia ser o 'Hitler da América' a ser seu vice-presidente. Talvez ele possa completar outra viagem improvável à presidência. Mas agora ele parece mais distante do cargo do que ele parecia apenas uma semana atrás."

Se Vance não tiver o apoio almejado para viabilizar sua candidatura e se Rubio realmente ficar no governo até o fim e não disputar a

indicação republicana, a questão é saber quem receberá a bênção de Trump, ainda decisiva para qualquer um que pretenda chegar lá, e será o representante da legenda no pleito. Isso só o tempo dirá.



**Autor:** É jornalista desde 1983. Foi repórter especial e colunista do Estadão, editor de Economia e repórter especial da revista Época, editor-chefe da revista Pequenas Empresas & Grandes Negócios e editor-executivo da revista Exame. Foi também repórter da Gazeta Mercantil e da Folha. **Os textos do colunista não expressam, necessariamente, a opinião da Gazeta do Povo.

Voltar ao índice

GAZETA DO POVO




Navio Leruo, antes chamado de Alcyone T, no porto de Hamburgo. (Foto: Wolfgang Fricke/Wikimedia Commons)

*Petroleiros e cargas sancionadas*

# Navio fantasma russo prometido a Trump ancora no Brasil e revela esquema bilionário de diesel

Por Juliet Manfrin

O Leruo, um petroleiro da frota fantasma da Rússia (navios banidos pelo Ocidente por transportar petróleo e derivados que financiam a invasão da Ucrânia), ancorou em um porto no Rio Amazonas, nesta terça-feira (17), carregado de óleo diesel. Ele é a prova de que importadoras vêm se aproveitando do conflito armado para vender o diesel russo no Brasil em um esquema que já movimentou mais de R$ 5 bilhões só em 2026.

Estima-se que "navios fantasmas" da Rússia vêm frequentando de forma sorrateira portos brasileiros desde 2022, o primeiro ano do conflito. Mas é difícil rastreá-los, pois usam bandeiras de outros países e táticas como transferir a carga de um navio para outro em pleno oceano para evitar a detecção da rota. Além disso, uma rede de intermediários ajuda a

maquiar a destinação dos pagamentos para o governo da Rússia.

Mas o Leruo chamou atenção mundial porque fazia parte de uma flotilha cuja carga de diesel foi prometida aos Estados Unidos pela Rússia na reta final para as eleições de meio de mandato - que acabaram vencidas pelos democratas.

O presidente americano Donald Trump e o ditador russo Vladimir Putin haviam negociado levantar parte das sanções mútuas para que o diesel chegasse aos EUA em um esforço para diminuir o preço do produto nos postos americanos.

Nesse contexto, o Leruo e outros dois navios foram identificados e passaram a ser

monitorados por analistas e pela imprensa por meio da empresa belga de análise de dados de tráfego marítimo Kpler. O navio chegou a rumar para os EUA, mas foi depois direcionado para o Brasil.

O Leruo é o mais famoso, mas não o primeiro petroleiro da frota fantasma a ancorar no Brasil. Segundo levantamento do *think tank* europeu Crea (sigla em inglês para Centro de Pesquisa sobre Energia e Ar Limpo), só de janeiro a outubro deste ano o Brasil recebeu em diferentes portos, de norte a sul, 28 navios classificados como integrantes de frotas fantasmas ou envolvidos no transporte de diesel russo sancionado. Os carregamentos movimentaram US$ 941 milhões, o equivalente a mais de R$ 5 bilhões.

Com restrições na maior parte das democracias ocidentais, o Brasil se tornou um dos maiores importadores de derivados de petróleo sancionados da Rússia.

Embora o país não tenha aderido às sanções internacionais, comprar diesel russo na prática significa fornecer apoio financeiro para o Estado agressor, financiando efetivamente a guerra. O dinheiro é usado na compra de mísseis, drones e munições utilizados para matar ucranianos.

A presença dos navios também representa um risco ambiental para os portos brasileiros. Isso porque a frota é caracterizada por navios antigos, que podem gerar acidentes cujas consequências não são cobertas por seguradoras multinacionais.

**Petroleiro fantasma partiu de porto que se tornou alvo prioritário de drones na Rússia**

O Leruo tem bandeira de Serra Leoa, já mudou de nome três vezes e é sancionado pela União Europeia, Grã-Bretanha, Canadá, Suíça e Ucrânia. Ele partiu de Primorsk, o principal porto de exportação de petróleo na costa ocidental da Rússia, no mês passado. O local é alvo constante de ataques de drones de longa distância da Ucrânia e já teve vários terminais incendiados.

Quando as sanções entre EUA e Rússia foram levantadas, ele rumou para os Estados Unidos, segundo investigação do *Wall Street Journal*. Mas parlamentares americanos disseram que as empresas do país que comprassem o diesel seriam investigadas.

O navio passou então a rumar para o oeste do Oceano Atlântico e desligou seus sistemas de rastreamento após passar pelos Açores, permanecendo sem transmitir informações sobre sua localização por mais de cinco dias.

Na semana passada, ele voltou a emitir sinais, indicando que acessava o Rio Amazonas em direção ao Porto de Itacoatiara, próximo de Manaus.

“A movimentação mostra os efeitos das disputas geopolíticas sobre o comércio internacional de combustíveis e a busca por mercados alternativos para cargas russas submetidas a sanções”, destaca o especialista em Direito Marítimo Wilson Carneiro.

O cenário também está relacionado ao acordo de fornecimento de diesel que vinha sendo discutido entre Trump e o ditador Vladimir Putin.

A crise do petróleo provocada pelo fechamento do Estreito de Ormuz pelo Irã causou a alta internacional do diesel. Trump autorizou a compra de diesel russo, mas o volume negociado era equivalente a menos de um dia de consumo do produto nos EUA. O acordo, na verdade, era um factoide político para o governo americano dar a entender que estava lidando com o problema, segundo analistas internacionais.

“O mercado brasileiro, enquanto isso, segue no centro das rotas de comercialização do combustível russo sancionado e transportado em navios fantasmas, servindo inclusive como

alternativa em casos como esse", destaca Carneiro.

A alteração do percurso do Leruo também chama atenção para a dimensão das operações envolvendo embarcações suspeitas no comércio de combustíveis com o Brasil.

O levantamento do Crea identificou que os 28 navios que aportaram no Brasil com diesel russo neste ano eram classificados como da frota fantasma ou eram alvo de alguma sanção dos EUA, da União Europeia ou da Grã-Bretanha.

Juntas, essas embarcações realizaram 34 entregas de combustível no Brasil, totalizando 1,11 milhão de toneladas de diesel neste ano. O volume representa 26% de todo o diesel russo

recebido pelo mercado brasileiro no período. Isso porque há remessas do produto que não usam navios sancionados.

“A presença dessas embarcações reforça a dimensão da participação brasileira nas rotas de comercialização de combustíveis russos, inclusive daqueles transportados por navios que operam sob suspeita ou estão sujeitos a restrições internacionais”, reforça Carneiro.

**Brasil é destino de diesel russo sancionado há anos**

Dados compilados pela **Gazeta do Povo** a partir do Ministério da Indústria e Comércio Exterior e levantamentos mensais do Crea apontam que um quarto do diesel russo recebido pelo país em 2026 chegou em embarcações da frota fantasma ou

incluídas em listas de sanções internacionais. O país é um dos principais destinos internacionais do produto russo desde o início dos ataques à Ucrânia, em fevereiro de 2022.

Dados fornecidos pelo Centro de Pesquisa sobre Energia e Ar Limpo mostram que, entre janeiro e outubro de 2026, o Brasil recebeu 114 carregamentos de diesel e gasóleo russos de navios fantasmas ou não. As cargas foram transportadas por 93 embarcações diferentes e descarregadas em 165 escalas portuárias.

O volume total chegou a aproximadamente 4,31 milhões de toneladas, equivalente a 32,2 milhões de barris, com valor estimado em US$ 3,47 bilhões, algo próximo a R$ 19 bilhões. O dado que chama a atenção é a participação de embarcações da frota fantasma e de navios sancionados.

“Uma em cada quatro toneladas de diesel russo desembarcadas no país neste ano chegou em navios classificados como parte da frota fantasma ou que já estavam submetidos a sanções internacionais”, alerta Carneiro.

“O levantamento considera conjuntamente os navios da frota fantasma, os sancionados e os que se enquadram nas duas classificações”, alerta o próprio Crea à **Gazeta do Povo**.

**Frotas fantasmas e cargas sancionadas**

A participação das embarcações irregulares ou submetidas a sanções pode ser dividida em dois grupos: navios classificados como integrantes da frota fantasma e embarcações com cargas formalmente sancionadas. Todas já haviam sido

classificadas nas listas de sanções internacionais antes de descarregarem em portos brasileiros.

Somente em duas delas, os navios Universal (IMO 9384306) e Ariadne (IMO 9397547), sob sanções dos EUA desde janeiro de 2025, entregaram aproximadamente 80 mil toneladas de diesel ao Brasil em junho de 2026, em cargas avaliadas em US$ 92 milhões, quase R$ 500 milhões.

**Brasil entre os maiores compradores de diesel russo**

A importância do mercado brasileiro às exportações russas aumentou depois das sanções de países ocidentais, em resposta à invasão da Ucrânia, que alterou o mapa internacional de comercialização de combustíveis.

Com a redução das compras por países europeus, a Rússia passou a direcionar volumes maiores para mercados como o Brasil. Em 2023, o Brasil e a Arábia Saudita substituíram França e Alemanha como segundo e terceiro maiores destinos do diesel russo transportado por via marítima, segundo a Administração de Informação de Energia dos Estados Unidos (EIA).

Em outubro de 2026, dados da consultoria Kpler citados pela agência *Reuters* apontavam que a Turquia havia recebido 34% dos carregamentos russos de diesel no acumulado do ano, enquanto o Brasil respondia por 24%. Os dois países figuravam entre os maiores compradores.

O cruzamento de números ajuda a dimensionar a evolução desse comércio no país. Em 2022, primeiro ano da guerra, o Brasil havia recebido

dois carregamentos de diesel russo no período analisado, antes de o embargo europeu redirecionar os fluxos comerciais.

A mudança foi expressiva em 2023. As importações chegaram a 4,37 milhões de toneladas. O maior volume da série foi em 2024, com 8,18 milhões de toneladas e US$ 6,76 bilhões.

Em 2025, as compras recuaram para 6,48 milhões de toneladas, avaliadas em US$ 4,64 bilhões. A redução continuou em 2026.

O Crea observa que a queda proporcionalmente menor no valor das importações ocorreu porque os preços do combustível estavam mais elevados neste ano.

A maior parte das importações é feita por empresas importadoras privadas que operam no mercado de combustíveis. A Petrobras compra diesel dos Estados Unidos.

**Importações diminuíram ao longo de 2026, mas continuaram bilionárias**

A distribuição mensal das importações mostra que o primeiro semestre concentrou praticamente todo o volume recebido pelo Brasil em 2026. Entre julho e outubro foram 370 mil toneladas, diante de 3,94 milhões de toneladas nos seis primeiros meses do ano.

“A retração está relacionada às restrições impostas pela própria Rússia às exportações de diesel a partir de junho, em um cenário de dificuldades no abastecimento doméstico e

problemas na produção das refinarias atacadas pela Ucrânia", reforça o economista e analista de mercado Rui São Pedro.

Os drones ucranianos estão destruindo refinarias de forma sistemática na Rússia. Isso tem forçado o país a destinar sua produção para suprir o mercado interno.

Em outubro, após acordo entre russos e norte-americanos, Moscou suspendeu parcialmente as restrições às exportações. Os carregamentos russos começaram a retornar aos portos que não aderiram às sanções.

Os números de outubro estimados pelo Crea consideram chegadas até o dia 24 e ainda podem sofrer revisões.

**De onde saem os navios e onde o diesel desembarca no Brasil**

A maior parte do diesel russo destinado ao Brasil sai de portos no Mar Báltico, no norte da Europa. O principal é Primorsk, responsável por 83% dos volumes enviados ao Brasil em 2026. Outros 8% partiram de Vysotsk, 4% de São Petersburgo e 3% de Ust-Luga. O porto de Novorossiysk, no Mar Negro, respondeu por menos de 3%.

Depois da travessia, os carregamentos são distribuídos entre diferentes terminais brasileiros. O Porto de Santos, em São Paulo, recebeu 35% do diesel russo desembarcado em 2026. Paranaguá, no Paraná, ficou em segundo lugar, com 29%. São Luís, por meio do terminal de Itaqui, recebeu 11%; Manaus, 10%; e Suape, em

Pernambuco, 6%. Não há especificação de quanto cada região recebeu em combustível sancionado ou de frotas fantasmas.

“A maior parte dos carregamentos percorre a rota diretamente entre os portos russos e os brasileiros”, analisa Carneiro. Entretanto, o Crea identificou nove operações em 2026 que envolveram transferências de combustível entre navios em alto-mar, modalidade conhecida como *ship-to-ship* (navio a navio).

Esse tipo de operação consiste na transferência de uma carga de um navio para outro, sem que o combustível precise ser descarregado em um porto. Em determinadas circunstâncias, pode dificultar o rastreamento da origem e do percurso da mercadoria.

O número de transferências aumentou em relação a 2025, quando foram registradas três operações. Apesar da presença de navios da frota fantasma e de embarcações sancionadas, três quartos do diesel russo recebido pelo Brasil chegaram em navios com propriedade ou seguro vinculados a países do G7+, grupo cujas embarcações estão sujeitas às regras do teto de preços e do mercado formal.

A regra do teto de preços é um limite máximo para o preço pelo qual o petróleo russo poder ser comercializado legalmente. Ela foi estabelecida por nações ocidentais. A ideia é punir o país pela guerra, mas não causar o desabastecimento do mercado.

**Navios mais antigos e mudança nas bandeiras utilizadas**

Também há diferenças entre as características das embarcações convencionais e as utilizadas na frota fantasma.

Em 2026, os navios classificados como integrantes dessa frota tinham idade média de aproximadamente 20 anos. Entre os navios vinculados a países do G7+, a média era de 16,5 anos.

Outro aspecto identificado foi a mudança nas bandeiras utilizadas pelas embarcações.

Em 2025, os navios da frota fantasma que transportavam combustíveis russos para o Brasil

navegavam principalmente sob bandeiras do Panamá, Gabão, Honduras e Palau.

Em 2026, passaram a predominar as bandeiras de Serra Leoa e Camarões. O Crea também identificou dois carregamentos transportados por embarcações que utilizavam bandeiras falsas. “O uso de bandeiras falsas ou de registros marítimos irregulares é uma das características associadas a operações da frota fantasma, dificultando a identificação dos responsáveis pelas embarcações e a fiscalização das operações comerciais”, segue Carneiro.

**Como funciona a frota fantasma**

A frota fantasma é formada por embarcações utilizadas no transporte internacional de petróleo e derivados que operam fora das estruturas

tradicionais de propriedade, seguro e fiscalização marítima.

No caso das exportações russas, esses navios ganharam importância depois que países ocidentais estabeleceram sanções e mecanismos para limitar as receitas de Moscou com a venda de petróleo e derivados.

“O teto de preços estabelecido pela coalizão do G7+ permite a participação de empresas de países integrantes do grupo no transporte e na prestação de serviços relacionados ao petróleo russo, desde que sejam respeitados os limites estabelecidos para os preços das cargas”, reforça Rui São Pedro.

Embarcações que não possuem propriedade ou seguro vinculados a países dessa coalizão ficam fora dessa estrutura de controle, sendo

classificadas como integrantes da frota fantasma. Já os navios sancionados são aqueles formalmente incluídos nas listas de restrições dos EUA, da UE ou do Reino Unido.

“O fato de um navio estar sancionado não significa necessariamente que o combustível transportado seja uma carga proibida de entrar no Brasil”, reforça Carneiro ao explicar que levantamentos como os realizados pelo Crea identificam a situação das embarcações e o momento em que as sanções passaram a valer.

Para o Crea, o acompanhamento dessas operações depende do rastreamento individual dos navios, das cargas, dos portos de origem e destino e da situação de propriedade e seguro de cada embarcação. Algo difícil de ser traçado.

Os dados utilizados no levantamento foram obtidos a partir da plataforma Kpler e abrangem viagens marítimas concluídas, com carregamento na Rússia e descarregamento no Brasil, e não correspondem a declarações aduaneiras.

Os valores financeiros são estimativas próprias do Crea, calculadas com base em seu modelo de precificação das exportações russas de diesel e gasóleo. “Podem apresentar diferenças em relação aos números oficiais do Comex Stat, do governo brasileiro, mas geralmente são muito próximos”, reforça o economista.

## Um risco econômico e diplomático para o Brasil

A entrada de navios pertencentes às chamadas frotas fantasmas ou que transportam combustíveis provenientes de países sob sanções internacionais

pode representar riscos ao Brasil. Um dos principais problemas é diplomático e econômico, uma vez que o país pode ser associado, direta ou indiretamente, a operações destinadas a contornar sanções internacionais.

Isso pode prejudicar relações comerciais e diplomáticas com parceiros estratégicos, além de gerar desconfiança de investidores estrangeiros. “Também existe o risco de sanções secundárias, restrições comerciais e dificuldades para empresas brasileiras que mantenham relações com embarcações, armadores, seguradoras ou fornecedores envolvidos nessas operações”, alerta Carneiro.

Outro risco importante é o ambiental e operacional. Navios dessas frotas são antigos, apresentam condições precárias de manutenção e podem operar com seguros insuficientes ou pouco confiáveis,

aumentando a possibilidade de acidentes, vazamentos de petróleo e contaminação das águas e zonas costeiras brasileiras. “Além disso, a dificuldade de identificar os verdadeiros proprietários das embarcações e a origem dos combustíveis pode facilitar operações fraudulentas, lavagem de dinheiro e evasão de controles aduaneiros”, segue.

Em caso de acidentes ou irregularidades, o Brasil corre o risco de enfrentar elevados custos de fiscalização, contenção de danos ambientais e responsabilização jurídica, além de comprometer a segurança marítima e a credibilidade do país no comércio internacional.

Um exemplo ocorreu em 2019, quando um grande derramamento de óleo atingiu o litoral brasileiro, principalmente as praias do Nordeste, provocando um dos maiores desastres ambientais da história do

país. Durante as investigações, a Marinha do Brasil considerou a hipótese de que o vazamento tivesse ocorrido durante uma operação clandestina de transferência de petróleo entre dois navios em alto-mar.

Um dos principais suspeitos foi o petroleiro Bouboulina, que teria navegado próximo à costa brasileira com o sistema de rastreamento desligado, após partir da Venezuela. Embora a investigação tenha apontado embarcações suspeitas, não houve comprovação de que o caso estivesse relacionado ao transporte de combustível sancionado e não houve responsabilizações pelos danos ambientais.



Voltar ao índice

GAZETA DO POVO



*Senadores Davi Alcolumbre, Tereza Cristina e Rogério Marinho são candidatos à presidência da Casa (Foto: Ton Molina/Agência Senado / Carolina Curi/Agência Senado / Ton Molina/Agência Senado)*

*Sucessão no Senado*

# Marinho mobiliza senadoras e busca novos apoios para conter dissidência pró-Tereza Cristina

*Por Aline Rechmann e Sílvio Ribas*

A campanha de Rogério Marinho (PL-RN) à Presidência do Senado contra Davi Alcolumbre (União-AP) conta com o apoio de senadoras e de aliados de outras siglas para conter dissidências à direita. A estratégia reage a avanços da candidatura de Tereza Cristina (PP-MS), apresentada como opção conciliadora e símbolo de conquista feminina.

Bia Kicis (PL-DF), senadora eleita, atua na mobilização por Marinho. Além do PL, ela colheu na semana passada apoios de Rayssa Furlan (Podemos-AP) e Mara Rocha (Republicanos-AC) para o candidato do PL. As manifestações ajudam Marinho a mostrar adesões femininas que transcendem a própria legenda.

A articulação busca ainda o MDB e outros partidos do centro. O objetivo é converter

simpatias individuais em compromissos públicos, apesar das orientações das cúpulas. Efraim Filho (PL-PB), ex-aliado de Alcolumbre, coordena a campanha de Marinho, afastando o rumor de que supostamente trairia o PL.

No Distrito Federal, a disputa abarca as chamadas "meninas superpoderosas": as senadoras Damares Alves (Republicanos), Michelle Bolsonaro (PL) e Bia Kicis, além da governadora Celina Leão (PP). Bia é cabo eleitoral de Marinho, enquanto Damares, próxima de Michelle, coordena a campanha de Tereza Cristina.

Em entrevista ao *SBT News*, Bia Kicis defendeu a candidatura de Marinho e afirmou que o partido não pretende abdicar da disputa, mas admitiu a chance de um acordo com Tereza. Segundo ela,

Marinho reúne condições para presidir o Senado e sua candidatura está em crescimento.

A senadora eleita afirmou que considera legítima a existência de duas candidaturas da direita, desde que haja entendimento posterior para evitar a dispersão de votos. Na avaliação dela, os aliados podem manter os dois nomes na disputa inicialmente e, mais adiante, avaliar qual deles tem maior capacidade de conquistar votos.

“Seria bom termos uma mulher presidente do Senado. Seria ótimo, mas eu creio que isso pode acontecer daqui a dois anos. Acho que inclusive está sendo construído esse acordo”, disse.

Apoiadora de Marinho, a senadora eleita Carolina de Toni (PL-SC) também avalia que essa

negociação para que Tereza Cristina suceda Marinho em 2031 poderá ser fechada.

**Aliança feminina não significa garantia de voto em bloco, nem na direita**

Damares defende a possibilidade de eleger a primeira mulher para comandar o Senado. Michelle Bolsonaro (PL-DF) não declarou voto, mas sua ausência no lançamento da candidatura de Marinho alimentou cobranças. A proximidade entre ambas não basta para atribuir à ex-primeira-dama apoio a Tereza Cristina.

Embora Celina integre esse polo feminino, ela não participa da votação no Senado. Mas a sua atuação amplia o alcance político do grupo.

O protagonismo de Bia por Marinho revela que a identidade conservadora, a amizade e a aliança local não abafam divergências sobre a sucessão da Casa.

Ao todo, serão 19 senadoras em 2027, nove delas de direita e 10 de esquerda, incluindo Cheila Moreira (PT-AM), suplente do governador eleito Omar Aziz (PSD-AM). A bancada feminina se divide entre as três candidaturas.

Valdemar Costa Neto, presidente do PL, convocou prefeitos, vereadores e deputados do partido a buscar mais votos para Marinho, inclusive fora da legenda. Ele apresentou a vitória como necessária ao país. A mobilização eleva a pressão sobre os eleitos para transformar adesões em compromissos.

**Placar do PL aponta vantagem de Marinho em meio a negociações**

No placar elaborado pelo senador eleito Gustavo Gayer (PL-GO), Marinho soma 42 votos, contra 30 de Alcolumbre. Nove nomes ficam como indecisos ou próximos de Tereza. A sondagem dele para acompanhar os 81 senadores visa mobilizar a direita e não perder de vista a liderança de Marinho.

Gayer inclui Michelle entre os nomes sem adesão pública e atribui o silêncio de outros quatro senadores ao temor de perseguição por Alcolumbre e pelo STF. A escolha do novo comando do Senado será secreta, em 1º de fevereiro.

Alcolumbre busca a recondução com apoio de cúpulas partidárias e articulação com o governo. Ele também tenta conquistar o apoio do voto feminino. Um encontro organizado pela senadora Professora Dorinha Seabra (União-TO) foi remarcado para 25 de novembro. A aproximação com as eleitas integra o esforço para impedir que adversários consolidem a maioria.

Tereza Cristina mantém a candidatura e busca reunir mulheres e integrantes do PP, cuja cúpula apoia Alcolumbre. A aposta em conquistar votos além da direita abrange o mesmo espaço pretendido por Marinho. Sem acordo, ambos terão de mostrar quem consegue ampliar apoios e vencer o atual presidente do Congresso.



Voltar ao índice

GAZETA DO POVO



*O aumento na capacidade cognitiva de um país pode reduzir a corrupção? (Foto: José Cruz/Agência Brasil)*

*Estudo*

# Países com QI mais alto têm menos corrupção?

Por Fabio Calsavara

O que separa países que conseguem conter a corrupção daqueles em que ela parece fazer parte da paisagem? Por que algumas nações

conseguem preservar maior liberdade econômica enquanto outras convivem com um Estado mais pesado? Há alguma relação entre a inteligência média de uma população e a qualidade das instituições e o desenvolvimento econômico de um país?

Essas são algumas das perguntas que orientaram um estudo do pesquisador independente Ronald Henss, que analisou o QI médio de mais de 200 países em um cruzamento com vários indicadores de diferentes áreas. Entre as conclusões, o trabalho aponta uma associação interessante, embora controversa como quase tudo o que envolve o QI: quanto maior o Quociente de Inteligência médio de um país, menor é a corrupção.

O artigo *The Intelligence of Nations: National IQs and Correlates* (“A Inteligência das Nações: QI Nacional e Correlações”, em tradução livre) combina resultados de testes de inteligência e avaliações internacionais de estudantes para estimar a capacidade cognitiva média de cada país. Henss utiliza essas estimativas para examinar a relação entre a inteligência nacional e outras variáveis como renda, saúde, ciência e qualidade das instituições.

A premissa do pesquisador é que a inteligência média de uma população pode estar estreitamente relacionada ao desenvolvimento social, cultural e econômico de uma nação. O estudo reúne uma série de comparações para sustentar essa tese. Uma das mais expressivas envolve a corrupção, medida a partir do índice de

percepção da organização Transparência Internacional.

Para essa análise, Henss utilizou o indicador *Freedom from Corruption*, baseado nos dados de 2022. Na amostra com 180 países, o resultado indicou uma associação relevante entre as duas variáveis. Na prática, o pesquisador identificou que em países onde a população tem uma capacidade cognitiva média maior, há menor sensação de corrupção.

Para não correr o risco de entrar em um modelo enviesado, Henss aplicou um segundo modelo de análise dos dados. Como resultado, ele encontrou evidências de que a relação entre inteligência e determinados indicadores só se manifesta de maneira mais clara depois que a média nacional ultrapassa um patamar mínimo. No caso da

corrupção, esse ponto seria um QI nacional médio de 83. Abaixo dele, o nível de corrupção permanece elevado; acima, o aumento da inteligência média passa a acompanhar uma contenção mais bem-sucedida do problema.

Segundo o estudo, portanto, a relação entre inteligência e corrupção não é simplesmente linear: haveria um ponto a partir do qual a capacidade cognitiva média ganha mais importância. Para Henss, conter a corrupção fica tanto mais fácil quanto mais indivíduos há no país com condições de raciocinar de forma clara sobre como as regras da vida em sociedade funcionam.

De forma prática, o que o trabalho mostra é que pessoas com QI mais alto entendem que alguns interesses e favorecimentos próprios precisam

ser contidos para que haja benefício para toda a sociedade, e não apenas para alguns grupos restritos.

O país mais bem colocado nos dados utilizados pelo pesquisador é Singapura, com QI médio de 107 pontos. Na sequência aparecem China (106), Hong Kong, Taiwan e Coreia do Sul (105); Japão (104); Finlândia, Holanda, Canadá, Estônia e Liechtenstein (101); além de Suíça, Reino Unido, Alemanha, Suécia, Bélgica e Nova Zelândia (100). No fim da lista aparecem vários países africanos, como Gâmbia, Sudão do Sul e Serra Leoa (62); República Centro-Africana, Gana e Camarões (64); e Malawi, Guiné e Libéria (65).

No estudo, o Brasil aparece no meio da tabela, com 84 pontos de QI nacional médio. O índice está apenas um ponto acima do limiar de 83

pontos estabelecido por Henss. Em teoria, a inteligência média do brasileiro sugere que a percepção de que há corrupção está presente no país. Mas mostra também que o Brasil ainda está engatinhando nesse quesito.

Esse limiar de 83 pontos de QI também aparece em outros indicadores além da corrupção, como quando o artigo traz o indicador de "Integridade Governamental" do Índice de Liberdade Econômica, da *Heritage Foundation*. Os dados mais recentes são de 2023 e mostram que quanto maior é a inteligência média de uma nação, maior também é a renda das pessoas.

A forte correlação identificada entre inteligência e combate à corrupção muda quando o critério são os impostos e a carga tributária. Henss levou em conta dados do indicador "Fardo Tributário", do

mesmo índice elaborado pela *Heritage Foundation*. Nos cálculos do estudo, uma carga tributária mais elevada tende a aparecer entre os países com QI mais alto na faixa considerada pelo modelo.

De acordo com o autor, essa relação é consideravelmente mais fraca do que as outras, e por isso não é possível concluir que países mais inteligentes necessariamente cobrem mais tributos. Henss não desenvolveu uma explicação para os dados observados. O estudo até identifica esse padrão, mas não chega a testar as razões econômicas ou políticas que poderiam estar por trás dele.

O pesquisador também encontrou uma associação entre o QI nacional e a qualidade das instituições democráticas. Segundo os

resultados, há evidências de que países com médias nacionais de QI mais altas tendem a desenvolver estruturas democráticas mais sólidas. O próprio estudo identifica China e Rússia como casos que apresentam resultados inferiores ao esperado em diferentes componentes desse índice.

Outra associação clara apareceu no cruzamento dos dados da inteligência das nações com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que reúne indicadores de renda, escolaridade e expectativa de vida. Henss encontrou uma relação que mostra um IDH mais alto nos países com maior QI.

O estudo também apontou uma relação inversa entre as estimativas de inteligência e a concentração de renda: países com médias

nacionais de QI mais altas tendem a apresentar menor desigualdade.

A capacidade de inovação na ciência é outro índice que aparece entre os dados com associação mais forte com o QI médio do país. O estudo encontrou uma relação muito elevada entre o QI nacional e o Índice Global de Inovação, que avalia aspectos como capital humano, pesquisa, infraestrutura e produção de conhecimento e tecnologia.

O mesmo ocorre com o Índice Global de Competitividade de Talentos. Para Henss, nos países com QI médio abaixo de 85 – caso do Brasil – a produção científica aparece como bastante limitada. Acima desse número, essa produção científica aumenta conforme cresce a estimativa de inteligência.

O trabalho tem algumas limitações que precisam ser consideradas. Alguns resultados dependem da disponibilidade e da representatividade dos dados utilizados. No caso da China, por exemplo, os resultados considerados pelo pesquisador abrangem apenas quatro províncias — Pequim, Xangai, Jiangsu e Zhejiang —, que são mais desenvolvidas do que o restante do país.

Há ainda outra ressalva sobre o indicador de corrupção: ele mede a percepção do problema, não a quantidade de casos comprovados nem a tolerância da população à prática.



Voltar ao índice

GAZETA DO POVO



*Suzane von Richthofen no novo documentário da Netflix: 20 anos depois do julgamento, a versão de quem planejou o assassinato dos pais faz sucesso no streaming (Foto: Divulgação/Netflix)*

*Curiosidade mórbida*

# Suzane von Richthofen: como o “true crime” transforma um assassinato em espetáculo

Por Erich Thomas Mafra

Na semana anterior ao julgamento de Suzane von Richthofen, em junho de 2006, mais de 3 mil pessoas disputavam um assento na plateia do tribunal em São Paulo. Vinte anos depois, o interesse migrou para o *streaming*. Lançado pela Netflix no dia 11, o documentário *Suzane von Richthofen: O que o Tempo Não Apaga* apareceu no dia seguinte em primeiro lugar entre os filmes mais assistidos da plataforma no Brasil.

Antes dele vieram uma trilogia de ficção no Prime Video e a série *Tremembé*, que a *Folha de S.Paulo* apontou como a maior estreia da história do serviço no país. A psicologia que estuda o gosto por histórias de crimes reais, o chamado *true crime*, descreve esse interesse como um ensaio seguro diante do perigo. O caso Richthofen, contado agora pela própria condenada, mostra onde essa explicação deixa de funcionar.

## O laboratório do medo recreativo

O cientista comportamental americano Coltan Scrivner estuda o assunto no Recreational Fear Lab (Laboratório do Medo Recreativo), da Universidade de Aarhus, na Dinamarca. Ele define curiosidade mórbida como “um interesse ou uma curiosidade por coisas potencialmente perigosas”, nas palavras que usou à rádio pública americana *NPR* ao lançar o livro *Morbidly Curious*, em 2025.

Quatro anos antes, Scrivner publicou uma escala para medir esse traço de personalidade. Quem pontuou alto (ou seja, quem não perde um lançamento de *true crime*) se mostrou rebelde, curioso sobre a vida alheia e pouco sensível ao nojo, e o resultado se manteve quando os participantes foram testados de novo semanas depois.

No mesmo ano, ele e colegas publicaram um estudo produzido nos primeiros meses da pandemia de Covid-19. Fãs de filmes de terror e pessoas com alta curiosidade mórbida mostraram mais resiliência psicológica que os demais, mesmo depois de descontados fatores como idade, sexo, extroversão e estabilidade emocional. Para Scrivner, as histórias de crimes reais operam pela mesma via. "O *true crime* pode ter um componente de aprendizado. Sentimos que estamos mais preparados para esse tipo de situação", disse em uma entrevista.

## O que as leitoras procuram

A explicação ganhou um recorte de gênero com um estudo de 2010, publicado na revista *Social Psychological and Personality Science* por dois psicólogos da Universidade de Illinois. Num dos

experimentos, os participantes escolhiam entre um livro de crime real e um livro sobre guerra, e 77% das mulheres ficaram com o primeiro. Quando os pesquisadores alteraram as sinopses, as leitoras preferiram as histórias com vítimas mulheres, com informações sobre o motivo do assassino e com relatos de como a vítima conseguiu escapar.

“As características que tornam esses livros atraentes para as mulheres são todas altamente relevantes para prevenir ou sobreviver a um crime”, escreveram os autores. O artigo levantou ainda a hipótese de que a leitura alimente o mesmo medo que leva a ela.

O padrão se repete no Brasil. O podcast *Modus Operandi* chegou ao Globoplay como o maior produto do gênero no país, com mais de 14 milhões

de reproduções em 2021. Pelo menos 75% da audiência é feminina, segundo uma das apresentadoras disse à revista *CartaCapital*.

## Uma assassina de boa família

O caso Richthofen não oferece esse tipo de lição. Manfred e Marísia von Richthofen foram mortos a pauladas enquanto dormiam, em 31 de outubro de 2002, na casa da família no Brooklin, zona sul de São Paulo. Os executores foram os irmãos Daniel e Cristian Cravinhos, e a filha do casal, então namorada de Daniel, foi condenada a 39 anos de prisão por planejar o crime com eles.

A criminóloga Ilana Casoy, que acompanhou a perícia, escreveu livros sobre o caso e aparece no novo documentário, resumiu o interesse do público ainda em 2006. “Todo mundo quer

entender como uma garota de boa família e boa educação pôde cometer um crime assim, quando a maioria dos crimes aqui acontece por pobreza e violência doméstica", disse ao jornal americano *New York Sun*.

A jornalista americana Rachel Monroe, autora de *Savage Appetites* ("Apetites selvagens", 2019), contesta a leitura utilitária do gênero. Ela organiza o fascínio do público em quatro papéis com os quais os fãs se identificam (o detetive, a vítima, o defensor e o assassino) e acha condescendente reduzir tudo à busca por dicas de sobrevivência.

"Ao presumir que os pensamentos sombrios das mulheres eram meramente pragmáticos, esses pensamentos foram esvaziados de sua ameaça", escreveu. Desta forma, nenhuma dica de sobrevivência sai de um crime planejado pela filha

das vítimas. A única coisa que o espectador quer saber é como uma estudante de classe média alta, de 18 anos, abriu a porta de casa para os assassinos dos pais.

**O cachê e a recusa de Andreas**

Em abril, a coluna Outro Canal, da *Folha de S.Paulo*, informou que a Netflix pagou cerca de R$ 500 mil a Suzane pelo depoimento. A plataforma não comenta o valor. Em regime aberto desde 2023, ela diz no filme que não é "o monstro que as pessoas ouvem falar" e admite que "podia ter parado" quando ainda era possível impedir o crime, mas não parou.

A deputada federal eleita Ana Carolina Oliveira, mãe de Isabella Nardoni (jogada do sexto andar de um prédio aos 5 anos, em 2008), reagiu com

indignação um dia depois da estreia, em um vídeo nas redes sociais. “Todo mundo conhece a tal da Suzane. Mas quantas pessoas hoje lembram do Manfred e da Marísia?”, disse.

A versão que lidera a audiência agora foi narrada pela autora do crime e remunerada pela plataforma que a exibe. Andreas von Richthofen, irmão de Suzane, que tinha 14 anos na noite em que os pais foram mortos, recusou o convite para participar do documentário.



Voltar ao índice

## PARA SE APROFUNDAR

- Politização do Supremo contamina a Polícia Federal e ameaça o caso Master
- Após criticar “tesouraço” de Flávio, Lula se empenha em ajuste fiscal no modelo “tributaço”
- Islã deve se tornar maior religião mundial em 2035, diz estudo
- Audiências viram álibi para tentar validar Novo Código Civil sem análise efetiva
- Professora de direita consegue medida protetiva de urgência contra colegas após ameaças
- Milhares vão às ruas no Haiti agradecer Bukele por ofensiva militar contra as gangues

## COMO RECEBER

As edições da Gazeta do Povo Revista vão estar disponíveis para download em PDF pelos nossos assinantes todos os sábados pela manhã no site do jornal. Também é possível se inscrever, para ser lembrado de baixar o arquivo, pelo Whatsapp ou pelo Telegram. Se preferir receber por e-mail, você pode se inscrever na newsletter exclusiva para receber o link de download.

## EXPEDIENTE

A Gazeta do Povo Revista é uma seleção de conteúdos publicados ao longo da semana no nosso site. Curadoria e formatação: Carlos Coelho, Daliane Nogueira e Marcela Mendes. Apoio: Jessica Lopes da Silva. Conceito visual: Claudio Cristiano Gonçalves Alves. Coordenação: Patrícia Künzel.

## APLICATIVO

Caso seu acesso seja via aplicativo iOS, só é possível visualizar o pdf. Para fazer o download, recomendamos o uso do navegador de internet de seu celular.



Voltar ao índice